

**INTELECTUAIS PAULISTAS NA IMPRENSA PERIÓDICA MATO-GROSSENSE (1910-1920)****Intellectuals from São Paulo in periodical press of mato grosso (1910-1920)****Intelectuales paulistas en la prensa periódica mato-grossense (1910-1920)**Elizabeth Figueiredo de Sá<sup>1</sup>Marijâne Silveira da Silva<sup>2</sup>**Resumo**

O presente texto tem objetivo central recuperar as experiências pessoais e profissionais dos professores paulistas nos lugares de sociabilidades pelos quais circularam e atuaram, com destaque para a imprensa mato-grossense, em circulação durante as décadas de 1910 e 1920. Neste período os governantes de Mato Grosso contrataram professores no estado de São Paulo para atuarem na reorganização da instrução pública. Assim que chegaram, os professores foram se inserindo na multiplicidade de espaços e lugares, se engajaram na vida da cidade e nos locais de produção e divulgação do conhecimento e contribuindo para a produção de debates. Seguindo as sugestões teórico-metodológicas de Sirinelli (2003), foi realizado um mapeamento das matérias jornalísticas (artigos e notas) sobre os professores paulistas veiculadas pela imprensa mato-grossense, confrontando com a produção intelectual e biográfica e com dados oficiais como regulamentos, relatórios e mensagens presidenciais, que possibilitaram compreender quais as redes de relacionamentos intelectuais, culturais e sociais foram formadas. A publicização, nas páginas dos jornais impressos, de textos relacionados à república, a pátria, a escola leiga, aos métodos de ensino, bem como sobre o comportamento pessoal dos professores, provocaram embates e polêmicas entre os vários setores da sociedade da época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intelectuais paulistas. Jornais mato-grossenses. Instrução pública.

**Abstract**

This text has as principal objective to recover the personal and professional experiences of teachers from São Paulo in the places of social arrangements for which circulated and acted in Mato Grosso Press into service during the decades of 1910 and 1920. In this period the governing of Mato Grosso hired teachers in the State of São Paulo to work on reorganization of public instruction. As soon as they arrived, the teachers were entering in the multiplicity of spaces and places, engaged in the life of the city and in the places of production and dissemination of knowledge and contributing to the production of debates. Following the suggestions of theoretical-methodological Sirinelli (2003), we conducted a mapping of journalistic materials (articles and notes) about the teachers from São Paulo in Mato Grosso press, confronting with the biographical and intellectual

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Professora Adjunta da UFMT. Endereço: Rua Coreia 44 casa 18 Jardim Shangrilá- Cuiabá-MT CEP: 78070-245. Fones: (65) 36274570. E-mail: elizabethfsa1@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora da UFMT. E-mail: mjanesilva@gmail.com

production and with official data as regulations, presidential messages and reports, which it could be possible to understand which networks of intellectual, cultural and social relationships were formed. The publication, in the pages of newspapers, of texts related to the Republic, the nation, the secular school, the teaching methods, as well as on the personal behaviour of teachers, causing polemics and controversy between the various sectors of society at the time.

---

**KEYWORDS:** Intellectuals from São Paulo. Mato\_Grosso newspaper. Public Instruction.

### Resumen

El presente texto tiene el objetivo central de recuperar las experiencias personales y profesionales de los profesores paulistas en los lugares de sociabilidad; por los cuales circularon y actuaron; destacados para la prensa mato-grossense en circulación durante las décadas de 1910 y 1920. En este período los gobernantes de Mato Grosso contrataron profesores en el estado de São Paulo para actuar en la reorganización de la instrucción pública. Inmediatamente llegaron, los profesores fueron insiriéndose en la multiplicidad de espacios y lugares, se instauraron en la vida de la ciudad y en los locales de producción y divulgación del conocimiento, contribuyendo en la producción de debates. Siguiendo las sugerencias teórico-metodológicas de Sirinelli (2003), fue realizado un mapeo de los artículos periodísticos (incluyendo notas) sobre los profesores paulistas vehiculadas por la prensa mato-grossense, confrontando esto con la producción intelectual y biográfica y con los datos oficiales en reglamentos, informes y mensajes presidenciales, que posibilitaron comprender cuáles eran las redes de relacionamiento intelectuales, culturales y sociales que fueron formadas. La publicación, en las páginas de los periódicos impresos, tanto de textos relacionados a la república, la patria, la escuela laica, a los métodos de enseñanza, como sobre el comportamiento personal de los profesores, provocaron embates y polémicas entre los varios sectores de la sociedad de la época.

---

**PALABRAS CLAVE:** Intelectuales paulistas. Periódicos Mato-grossenses. Instrucción pública.

## INTRODUÇÃO

Em Mato Grosso, nos anos iniciais da década de 1900, o setor educacional reclamava por urgentes reformas e, em geral, as escolas públicas enfrentavam necessidades de toda ordem, tanto material quanto profissional. Convencido da urgente necessidade de cuidar da instrução popular, “base fundamental de todo o verdadeiro progresso social” e de que o primeiro passo para sua difusão seria o investimento na formação de “bons professores” (MATO GROSSO, MENSAGEM, 1910, p. 8), o Presidente Pedro Celestino Corrêa da Costa mandou contratar em São Paulo, no ano de 1910, dois professores. Aquele Estado envia, então, dois jovens, Leowigildo Martins de Mello e Gustavo Fernando Kuhlmann,<sup>3</sup> recém-formados pela Escola Normal, para

---

<sup>3</sup> Sobre a missão e circulação de professores paulistas em Mato Grosso, no período de 1910 a 1916 Cf. VIDAL; SÁ (2010). Neste texto as autoras acompanham a trajetória de Mello e Kuhlmann e a atuação destes dois educadores no estado. Especificamente, sobre a atuação de Kuhlmann conferir ainda SÁ (2009) e, sobre a atuação de Mello Cf. Poubel e Silva SÁ (2004).

efetuarem em terras mato-grossenses as bases modelares aplicadas no ensino daquele Estado.

Neste período, outros professores paulistas foram contratados pelos governantes de Mato Grosso para administrarem a instrução pública e, assim que chegaram, foram conquistando, estabelecendo espaços e atuando em várias frentes de trabalho, produzindo experiências e defendendo ideias. Foram eles: José Rizzo, João Brienne de Camargo, Ernesto Sampaio, Waldomiro de Oliveira Campos e Rubens de Carvalho.

O presente artigo tem como objetivo analisar os lugares e *redes de sociabilidade* (SIRINELLI, 2003) pelos quais esses professores paulistas circularam e atuaram em Mato Grosso, com destaque para a imprensa comum, editadas neste Estado durante as décadas de 1910 e 1920.

Seguindo as sugestões teórico-metodológicas de Sirinelli (2003), para quem estudar os intelectuais exige a constituição de um *corpus* de textos e uma abordagem prosopográfica, foi realizado um mapeamento das matérias jornalísticas (artigos e notas) sobre os professores paulistas, veiculadas pela imprensa mato-grossense, confrontando com a produção intelectual e biográfica e com dados oficiais, como regulamentos, relatórios e mensagens presidenciais, que possibilitaram compreender quais as redes de relacionamentos intelectuais, culturais e sociais foram formadas.

Nosso olhar se volta, então, para dois aspectos da noção de intelectual difundida por Sirinelli (2003), ao abordar o termo intelectual: uma ampla e sociocultural e outra “mais estreita”. A perspectiva ampla e sociocultural engloba os criadores e os mediadores culturais, jornalistas, escritores, professores secundários, eruditos, estudantes e demais mediadores potenciais. No entanto, o autor faz uma importante ressalva, a de que não podemos nos limitar às trajetórias apenas dos “grandes intelectuais” e nos convida a

[...] descermos até o estrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram, e até a camada, ainda mais escondida, dos “despertadores” que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representam um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política (SIRINELLI, 2003, p.246).

Uma perspectiva mais estreita permite-nos considerar o intelectual a partir do engajamento na imprensa comum ou na vida da cidade como ator do político, como “testemunha, produtor ou difusor de opinião pública” (SIRINELLI, 2003, p.242). Neste sentido, os professores paulistas são concebidos como atores, que se encontravam inseridos nas múltiplas formas de sociabilidades, *formais* e *informais*,<sup>4</sup> presentes no cenário mato-grossense nas décadas de 1910 e 1920, como sujeitos que experimentaram e vivenciaram diversas situações.

Neste período, o jornal era o principal meio de comunicação existente e, como o rádio só chegara a Cuiabá a partir de 1939, conforme apontam Canavarros e Silva (2002, p.24), tudo era registrado na imprensa e se vivia na capital a denominada “era do impresso”, em que:

<sup>4</sup> Termos emprestados de Morel (2005).

[...] a linguagem era outra e a informação última, derradeira ou mais urgente, tinha a forma telegráfica, essencial e sincopada, que a poesia de Oswald de Andrade da década de 1920 tentara expressar. Tudo passava pela imprensa, absolutamente tudo. Era o registro vivo do cotidiano significativo das cidades. *D'abord*, as questões partidárias, lógico, pois não havia correntes de opinião sem o seu jornal [...].

O jornal é aqui concebido como um objeto cultural bem conhecido na sociedade atual que, ao produzir comunicação, produzia também cultura (BARROS, 2004). Para sua produção, foram movimentadas determinadas práticas culturais e também *representações*, que, na acepção de Roger Chartier, refere-se ao “modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais” (1990, p.16-17), sem contar que o jornal, depois de produzido, tende a difundir novas representações e contribuir para a produção de novas práticas.

### Os lugares de sociabilidade e de produção

A imprensa foi utilizada pelos professores paulistas como espaço de sociabilidade e lugar de intervenção e inscrição da produção escrita. Os professores Kuhlmann e Mello utilizaram com frequência os espaços dos jornais *O Imparcial*, *A Reação* e *A Notícia*, participando ativamente das discussões sociais de seu tempo e, como republicanos assumidos, defendiam o ensino leigo, a pátria, o progresso, a disciplina, acirrando assim os debates em todos os setores da sociedade.

Além da temática da “escola leiga”, defendida pelos professores normalistas paulistas que contrariava os princípios católicos defendidos pela igreja, outro tema que, associado ao primeiro, parece ter fomentado as polêmicas entre os diferentes segmentos da sociedade na época foi a criação de uma revista em março de 1912, algo que também impulsionou a produção de vários debates materializados nos jornais cuiabanos.

Trata-se da Revista *A Nova Época*, de cunho científico e literário, confeccionada com o aval do então presidente do Estado, Joaquim Augusto da Costa Marques, e contava com a colaboração de vários adeptos do repulicanismo. Após a aparição do seu primeiro número, vários jornais mato-grossenses fizeram referência a sua materialidade, tecendo elogios e votos de futuro promissor, como a *Gazeta Oficial*, *A Imprensa*, *O Matto-Grosso*, *O Debate* (n.145). Somente *A Cruz* (n.68) teceu duras críticas, demonstrando sua insatisfação com o surgimento deste periódico e, principalmente, com a produção apresentada pelos professores normalistas Azzi, Brienne e Kuhlmann, sendo que este foi atacado de forma mais veemente. *A Cruz* considerou o aparecimento desta revista uma “cruel desilusão” e que seu primeiro número tratava-se de “pura e simplesmente um *pandemonium de paradoxos sociais e filosóficos*”. Considerou como ponto de resistência *As Conferências Pedagógicas*, de autoria do professor Gustavo Kuhlmann, considerando-as “Indigestas, sem nexos, em estilo cafral... precisa mesmo usar para com elas do método analítico. Abrimos hoje um local especial para esse fim” (*A CRUZ*, 24/03/1912, n.68, p.4).

De fato, naquela mesma edição o jornal abriu um espaço específico e começou a analisar as conferências escritas pelo professor Kuhlmann, algo que ocorreu de 24 de março a 26 de maio. Estrategicamente, a série de artigos apresentava-se com o mesmo

título “Conferência Pedagógica”, seguido da numeração romana de um a sete. Apesar de Kuhlmann ter publicado três conferências, o *A Cruz*, além dos sete artigos, sempre publicava, até numa mesma edição, outros artigos direcionados ao normalista e às temáticas por ele abordadas.

A exemplo de outros professores que saíram de São Paulo para atuarem em outros Estados brasileiros, o professor Gustavo Kuhlmann iniciou no ano de 1912 a realização de Conferências Pedagógicas no prédio do Grupo Escolar do 2º Distrito, do qual era diretor. Na imprensa, foi possível localizar chamadas acerca da sua realização e/ou do seu resultado. A primeira chamada assim se apresentava:

O ilustre Professor Sr. Gustavo Kuhlmann, digníssimo Diretor do Grupo Escolar do 2º Distrito, teve a gentileza de nos enviar um ingresso para a sua primeira conferência pedagógica a realizar-se hoje, pelas 8 horas da noite, no edifício do mesmo grupo (O DEBATE, 24/02/1912, n.126, p.3).

O segundo convite, referente às conferências proferidas pelo professor Kuhlmann, também foi publicizado na imprensa cuiabana com os dizeres:

O nosso distinto amigo e correligionário Professor Sr. Gustavo Kuhlmann, inteligente Diretor do Grupo Escolar do 2º Distrito teve a gentileza de nos convidar para assistirmos a sua segunda conferência pedagógica sobre a *Educação física*, que se realiza hoje às 3 horas da tarde no edifício daquele estabelecimento de instrução. Agradecidos nos faremos representar (O DEBATE, 17/03/1912, n.145, p.2).

Não foi localizado na imprensa convite sobre a terceira conferência, mas uma nota acerca de sua realização:

Realizou-se no dia 30 do mês passado, às 3 horas da tarde, no grupo escolar do 2º Distrito, perante numeroso e seletto auditório, a conferencia pedagógica sobre – *Educação intelectual*, - 3ª da serie, que vem realizando, com muita competência, o inteligente educador Sr. Gustavo Kuhlmann. O conferencista foi muito aplaudido (O DEBATE, n.229, 2/07/1912, p.3).

As três citadas conferências, proferidas pelo professor Kuhlmann, foram materializadas com a publicação da revista *A Nova Época* e, a partir de então, a primeira da série passou a ser analisada pelo jornal *A Cruz*, como afirmado anteriormente.<sup>5</sup> Nas análises feitas pelo analista do jornal *A Cruz*, retirando conceitos ou comentários da Primeira Conferência de Kuhlmann, buscava-se a todo instante desqualificá-lo, algo que é extensivo ao professor Mello, ao contestar seus atos públicos e privados e condenar suas posturas antirreligiosas.

Desde a primeira análise da conferencia<sup>6</sup> o articulista do *A Cruz* insiste em corrigi-lo no tocante às questões de gramática, ortografia, citação de dicionários e autores. Sempre contestava a defesa que Kuhlmann fazia do ensino leigo e, na análise intitulada *Conferencia Pedagógica IV*, o analista inicia como de praxe, com a transcrição de um trecho da conferência em que o professor lembra “a acepção da

<sup>5</sup> As citadas conferências pedagógicas foram analisadas por Amâncio (2008); Amâncio e Silva (2007); e Reis (2011).

<sup>6</sup> Artigo: Conferencia Pedagógica I (A CRUZ, 24/03/1912, n.68, p.2); Artigo: Conferencia Pedagogica II (A Cruz, 31/03/1912, n.69, p.2-3); Artigo: Conferencia Pedagógica III (A CRUZ, 14/04/1912, n.71, p.2).

palavra educação ou educar e a sua verdadeira diferença de instrução, instruir” (A CRUZ, 21/04/1912, n.72, p.2). Esta temática se constituiu numa *luta de representações* (CHARTIER, 1990), travada durante todo o decorrer do ano de 1912 e que adentrou o ano seguinte, numa disputa de poder entre os professores normalistas e a igreja, usando os impressos jornalísticos como recursos para defesa dos ideais.

Além de questionar a acepção atribuída pelo pedagogo aos termos educação e instrução, o articulista do *A Cruz* contesta, no artigo intitulado *Conferência Pedagógica V*, parte do trecho atribuído ao professor, quando se refere ao método difundido por Pestalozzi e, ao final, contesta os conhecimentos de Kuhlmann:

‘Os aforismos de Pestalozzi recomendam (?) o método que deve partir do concreto para o abstrato, do conhecido para o desconhecido, do geral para o particular’.

Ora esta do Sr. Kuhlmann!

Pestalozzi não expos seus trabalhos pedagógicos em aforismos, ou então o pedagogo ignora o significado da palavra aforismo.

Aforismo quer dizer sentença, máxima; e entre os principais escritos de Pestalozzi no gênero que lhe mereceram justo renome figura o romance – *Leonardo e Gertrudes*.

Onde, aforismo?

Simple refúgio para apropriar-se de expressões colhidas no dicionário de Campagne e que não soube coligir com o devido nexos.

Deve-se partir do conhecido para o desconhecido, é certo; do conhecimento vago para o conhecimento claro e definido; mas do geral para o particular, nem sempre, salvo em análise matemática.

‘Ora, diz o Sr. Kuhlmann, não se instrui o espírito com coisas concretas...’

Esta observação não vem a propósito, é extemporânea.

‘E prova-se a ANÁLISE para chegar do GERAL AO PARTICULAR...’ É evidente que o Sr. Kuhlmann não conhece, ignora a análise e a síntese e por consequência o que seja indução, pois ignora as armas desta.

Enfim, como o ciclo da formação do indivíduo Kuhlmann, a sua educação – transformou os seus conhecimentos em aptidões inconscientes, devemos forçosamente concluir: - O Sr. Kuhlmann é inconsciente. [Continua] (A CRUZ, 28/04/1912, n.73, p.2-3).

No artigo intitulado “Conferencia Pedagógica VI”<sup>7</sup>, o analista do *A Cruz* tenta a todo instante desqualificar o pedagogo, acusando-o veemente de plagiar o dicionário de Campagne. Por conta destas análises e das críticas feitas à Kuhlmann, é publicado na *A Imprensa* um artigo intitulado “Não queira o sapateiro tocar o rabecão”<sup>8</sup>, assinado com um pseudônimo *Nemo*, outrora utilizado por Kuhlmann, mas neste artigo foi atribuído a autoria à Leowigildo de Mello, que saiu em defesa do colega.

‘NÃO QUEIRA O SAPATEIRO TOCAR O RABECÃO’

Pergunta-se ao escritor que, pelas colunas da ‘A Cruz’, está criticando as conferências pedagógicas do sr.professor Kuhlmann, se o pai dos... sábios e as leis que presidem à origem e à formação das palavras portuguesas continuam a lhe merecer o mesmo carinho e a ter o mesmo valor que, quando tratou do termo ‘eivado’.

No caso afirmativo, porque assinalou o infinitivo latino *educere* como origem do verbo português *educar*, quando, de fato e por lei, é o infinitivo latino *educare*?

<sup>7</sup> *A Cruz*, 5/05/1912, n.74, p.2.

<sup>8</sup> *A Imprensa*, 2/05/1912, n.69, p.3.

E, assim sendo, porque censurou o sr.professor Kuhlmann por ter submetido a vogal – e – à carga do acento agudo, quando grafou o presente do indicativo *éduco* do verbo *educare*? Finalmente pergunta-se porque, tendo-se mostrado tão esmiuçador, criticando até as vírgulas do sr.professor Kuhlmann, encravou um e – na palavra futuro, do artigo – crítico, inserto na edição da ‘A Cruz’ de 14 do passado? *Nemo* (A IMPRENSA, 2/05/1912, n.69, p.3).

A *Cruz* rapidamente respondeu ao desafio, apropriando-se do título utilizado por *Nemo*, no entanto, devolvendo-o num tom de ironia, nomeando-o como “sapateiro”, “intruso” e “nemoleque”:

[...] surge um sapateiro de rabcão em punho, intruso advogado das causas perdidas, um NEMOLEQUE, gratuito defensor de plágios movendo uma interrogação na qual revela, a par do pedantesco da basofia, a ignorância crassa da matéria em que veio meter o bedelho.

Pergunta o ingênuo NEMOLEQUE ao articulista da “A Cruz” se o vocabulário e as leis que presidem a formação das palavras lhe merecem ainda alguma consideração para fazer derivar o verbo *educar* de EDUCERE quando deveria ser de *educare*.

O *nemoleque* é sapateiro, amável leitor, e por isso mal sabe que educar provem de *educare*, mas não compreende que o *educare* latino não possui significação diversa do *educar* português; ambos encerram o sentido de formação moral. Se tal fosse a origem tomada pelo Sr. Kuhlmann, impossível seria a este atribuir-lhe o significado de – *trazer ou levar para fora*; seria um erro em *abono* do pedagogo.

É que o *nemoleque* não sabe que o *educare* latino ao qual corresponde *educar* português provêm de *educere*, termo igualmente latino, composto das seguintes partes: E (EX) preposição de origem e DUCERE infinito do verbo DUCO, CIS, XI, OTUM, CERE, que significa – levar, trazer, conduzir, etc. O Saraiva é excelente auxiliar para melhor esclarecimento (A CRUZ, 15/05/1912, n.75, p.3).

Novamente na *A Imprensa*, *Nemo* publica uma tréplica, atribuindo ao articulista do *A Cruz* a “falta de boa educação” e aos princípios de “bom tom” a maneira como respondeu à publicação. Apesar de longa, a citação abaixo se faz pertinente para entendermos o posicionamento do autor:

Nunca nos passou pela imaginação que, por causa do verbo *educar* e de um – c – encravado no vocábulo *futuro*, um *ilustre* crítico que, atualmente, pelas colunas da ‘A Cruz’ vem se avocando o encargo de *pedagogus paedagorum*, viesse dar, em público, a prova mais cabal da falta de boa educação e dos princípios mais comezinhos do bom tom.

Era natural e mesmo justo que o articulista se sentisse inquietado pelas objeções que, pelas colunas deste órgão, lhe dirigimos, mas isso feito como foi, sem ofensa nem insulto, não o autorizava à nos dirigir suas palavras entremeadas de invectivas injuriosas.

[...]

Por enquanto vamos afirmando, de cabeça erguida, que, perante as leis e os fatos da linguística, educar vem diretamente de *educare* e que este foi criado, pelos escritores clássicos, ao lado de *educere*, para exprimir o conceito que até hoje tem, variando, porém, o tema e a quantidade prosódica respectivamente ao seu primitivo.

Isso é que os livros nos ensinam e que o articulista devia dizer, se o soubesse e se tivesse competência para criticar os trabalhos alheios.

[...]

E é esse indivíduo mal educado que, conhecendo unicamente algumas passagens do arcaico e condenado dicionário de educação de Campagne procura, com a maior insolência, malbaratar os serviços dos que trabalham em prol da nossa Instrução!

E é esse atrevidação, incapaz de apresentar obra mais perfeita, que se arvora censor severo do trabalho alheio!

Mas isso pouco lhe importa com tanto que vá tocando o seu rabecão a uns tantos despeitados, que muito se interessam pela desmoralização e pelo aniquilamento do ensino oficial do Estado.

Nemo (A IMPRENSA, 23/05/1912, n.72, p.1).

Outros artigos foram produzidos, no sentido de contrapor o artigo assinado por Nemo, como: *É quanto basta*<sup>9</sup>, publicado em três edições subsequentes, e: *Sapateiro de rabecão*,<sup>10</sup> *Rabecão desafinado*,<sup>11</sup> *Ponto final*,<sup>12</sup> *É muito dó*,<sup>13</sup> *Incurável*,<sup>14</sup> *Antes tarde do que nunca*,<sup>15</sup> *Aparas*,<sup>16</sup> todos questionando o posicionamento do professor Leowigildo de Mello e ainda se posicionando acerca do verbo educar, na disputa ferrenha pela prevalência do poder. Neste último, *Aparas*, o articulista do *A Cruz* inicia remetendo às palavras de Nemo e concordando de que estava por encerrada a discussão, com a ressalva de que “a derivação por ele apresentada já foi mais de uma vez suficientemente combatida e que pudesse respeitar a classe dos padres ‘já que não lhe foi possível compreender a gramática’” (A CRUZ, 8/12/1912, n.104, p.3).

Os professores Kuhlmann e Mello iniciaram a publicização de artigos em resposta aos artigos do *A Cruz* pelas páginas do jornal *A Imprensa*. Com a sua interrupção a continuidade das polêmicas travadas entre os professores e o órgão católico, passou a ser publicizadas no *A Reacção*, como podemos observar na justificativa apresentada por Nemo:

Tendo a *Imprensa* suspenso, temporariamente, sua publicação, resolvemos continuar esta nossa seção ‘*Não queira o sapateiro tocar o rabecão*’, pelas colunas deste órgão.

Além disso, é preciso declarar que somos solidários com este jornal e que, se desde princípio não viemos pelas suas colunas; foi pelo fato de querermos mais de pronto responder ao analista da ‘*A Cruz*’, o que só podíamos realizar pela ‘*A Imprensa*’, órgão semanal e não pela ‘*A Reacção*’ que antes era revista quinzenal. Nemo (A REACÇÃO, 2/11/1913, n.16, p.2).

Retomando, então, o último artigo<sup>17</sup> que visava analisar a Primeira Conferência publicada na *A Nova Época* (n.1, março 1912) pelo professor Gustavo Kuhlmann, o articulista do *A Cruz*, na sua *VII Conferência*, insistia em desqualificá-lo e tratá-lo de forma ríspida, chamando-o de “plagiário” e sugerindo ao final que sua conferência deveria ser intitulada como “Pedantesca”, ao invés de “Pedagógica”.

<sup>9</sup> *A Cruz*, 2/06/1912, n.77, p.2; *A Cruz*, 9/06/1912, n.78, p.2; *A Cruz*, 16/06/1912, n.79, p.2.

<sup>10</sup> *A Cruz*, 11/08/1912, n.87, p.2.

<sup>11</sup> *A Cruz*, 25/08/1912, n.89, p.2.

<sup>12</sup> *A Cruz*, 1/09/1912, n.90, p.2. Após várias ofensas ao pseudônimo Nemo, nesta edição o *A Cruz* atribuía pertencer ao diretor da Escola Normal, que neste período era o professor Leowigildo Martins de Mello.

<sup>13</sup> *A Cruz*, 1/09/1912, n.92, p.2.

<sup>14</sup> *A Cruz*, 29/09/1912, n.94, p.3.

<sup>15</sup> *A Cruz*, 13/10/1912, n.96, p.3; *A Cruz*, 20/10/1912, n.97, p.2-3.

<sup>16</sup> *A Cruz*, 1/11/1912, n.99, p.3; *A Cruz*, 24/11/1912, n.102, p.2-3; *A Cruz*, 8/12/1912, n.104, p.3.

<sup>17</sup> *A CRUZ*, 26/05/1912, n.76, p.2-3.



Vale ressaltar que, pelas páginas dos jornais mato-grossenses, localizamos informações de que foram publicados três números d' *A Nova Época* (n.1 em março; n.2 em maio e n.3 em agosto de 1912, noticiadas *pelo O Debate*, n.142, n.195 e pelo *A Cruz*, n.87). No entanto, nesta pesquisa, só foi possível localizar um único exemplar, o de número 2, que se encontra no acervo do Arquivo Público de Mato Grosso. Neste exemplar é possível vislumbrar a publicação das *Conferências Pedagógicas II - Educação Physica*, de autoria de Kuhlmann, versando sobre “sua importância; a alimentação e o vestuário; o exercício; ginástica na aula; no ginásio; ao ar livre; exercícios militares. Fins a que se propõe a educação física” (*A NOVA ÉPOCA*, n.2, maio 1912, p.10-17). Ressaltamos que neste estudo não foi realizada análise deste periódico, o que demandaria outro ensaio.

A segunda *Conferência Pedagógica*, publicada por Kuhlmann na *A Nova Época* (n.2), voltou a ser comentada pelo *A Cruz*, desta vez com artigo intitulado *Desmoralização pedagógica*.<sup>18</sup> Mas, após a publicação da terceira edição da Revista, o jornal católico não teceu críticas somente ao professor normalista e sua conferência, mas aos responsáveis pelo periódico, que se encontrava sob a proteção do Presidente do Estado e do Secretário do Interior, Justiça e Fazenda:

Acaba ‘A Nova Época’, em seu terceiro n., de noticiar a terceira conferência realizada pelo professor de Casca dura Gustavo Kuhlmann, e com palavras encomiásticas, exaltando lhe a proficiência que não possui.

Não sabemos se se pode com mais acerto desacreditar a instrução no Estado do que publicando semelhantes conferências. [...]

Se uma Revista litero-científica sob os auspícios do Sr. Presidente do Estado e do Sr. Secretário do Interior, Justiça e Fazenda, dá guarida a peças tão clássicas, que juízo poderão formar do nível intelectual de Mato Grosso os que leem ‘A Nova Época’.

Semelhante publicação, semelhante elogio é a desmoralização da instrução (*A CRUZ*, 11/08/1912, n.87, p.2).

Provavelmente, este pode ter sido um fator preponderante que contribuiu para que o ciclo de vida do periódico chegasse ao fim na sua terceira edição.

Além de todo o tratamento externado aos professores normalistas pelo jornal *A Cruz*, havia ainda uma seção “Repiques” neste periódico que se destinava a piadas, tendo como figuras assíduas os professores Mello e Kuhlmann (este de forma mais acentuada).

A antipatia com relação aos normalistas, principalmente Kuhlmann, é materializada em outros artigos do *A Cruz* ao longo dos anos de 1913 e 1914, que “respondiam e provocavam à altura dos ataques” (AMÂNCIO; SILVA, 2007). Era inadmissível para o jornal católico ter audaciosos jovens professores, de outro Estado, posicionando-se abertamente contra a Igreja, questionando seus princípios e hegemonia e tendo, além do mais, seu sustento garantido no serviço público estadual.

A leitura dos exemplares do jornal *A Reacção*, de Cuiabá, permite compreender a dimensão das polêmicas alimentadas pelos dois adversários, sendo este impresso utilizado pelos professores paulistas para se defenderem e/ou contra-atacarem. Da primeira à última página, o jornal citado defendia os princípios republicanos e atacava a ação da Igreja Católica. Em artigo assinado por Kuhlmann, no ano de 1914,

<sup>18</sup> Outro artigo com mesmo título foi publicado no *A CRUZ*, 25/08/1912, n.89, p.2.

evidencia-se a natureza das discussões e a ousadia do normalista nos seus posicionamentos:

#### ATÉ QUANDO?

Não suponham os amáveis leitores que eu vá perguntar até quando a rabujenta e desnorteada ‘A Cruz’ pretende abusar de nossa paciência, atirando-nos provocações no terreno político, sem querer entender que a sua atitude parcialíssima e apaixonada vai ferir, não aos livres-pensadores que, nesta qualidade, nada têm que ver com aqueles que são os responsáveis pelos atos que a megera censura, com a pose de mentor remendado. Não! Deixemos que os jornais políticos respondam aos artigos do jornal miscelânea. [...]

A igreja não é um estado. Existem muitas outras religiões. A República não pode fazer seleções de seitas e está separada de quaisquer delas.

[...] Eu também não gosto de igrejas e nem por isso me desespero com republicanismo... clerical! Apenas me atrevo humildemente... a perguntar até quando o Brasil fará a despesa inútil de manter uma ligação junto ao Vaticano? Até quando? (A REACÇÃO, 1914, n.44, p.2).

O professor Kuhlmann publicou muitos artigos no *A Reacção*, além de atuar como diretor deste impresso. Fundou um jornal mensal *O Amiguinho*, o qual ao lançar seu primeiro número, contou com notas publicizadas na imprensa cuiabana:

Conforme havíamos previamente anunciado, apareceu a 31 de janeiro último [1913] o 1º número do interessante *O Amiguinho*, jornal de pequeno formato para crianças, de publicação mensal contendo uma leitura instrutiva e proveitosa, escrita em linguagem clara e fácil, ao alcance dos pequeninos leitores, que, de certo, nele encontrarão um farto manancial de entretenimentos úteis. Ao Kuhlmann, o dedicado e incansável companheiro de redação, que muito interessado tem-se revelado pela causa da instrução pública entre nós, mais uma vez felicitamos pela sua excelente ideia (A REACÇÃO, 02/03/1913, n.34, p.3).

No rol das produções do professor Kuhlmann registra-se ainda a edição de um livro de poesias intitulado *Bondade e Pátria*, aprovado pelo Conselho Superior da Instrução Pública de Mato Grosso, no ano de 1915, para ser adotado nas escolas primárias, com ênfase na formação moral e cívica das crianças. De acordo com Sá (2009) este livro foi reeditado pela Cia Melhoramentos, de São Paulo, em 1921, sendo que todas as 42 poesias estavam voltadas para o amor à pátria, à escola, ao próximo. Algumas destas poesias foram publicadas também no jornal *A Reacção*.

Este professor permaneceu em Cuiabá até o ano de 1916. Por conta de questões políticas, deixou a direção do Grupo Escolar e retornou à São Paulo, local em que continuou sua jornada profissional. Seu falecimento, em meados da década de 1930, foi noticiado pelo jornal católico *A Cruz*, com quem havia travado tantos embates.<sup>19</sup>

Sobre a produção do professor Mello, destacamos ainda a série de artigos que foram publicizados no jornal *A Notícia*, com o título “Pelo Ensino”, assinados com o pseudônimo de Moacyr Tabajara, atribuído ao professor Leowigildo.<sup>20</sup> Ao longo dos artigos, o autor comenta sobre a reorganização da instrução pública implantada em MT

<sup>19</sup> *A Cruz*, 13/07/1930, n.932, p.3.

<sup>20</sup> Artigo referente a atuação deste professor na imprensa cuiabana e na instrução pública de MT foi apresentado e publicado por Silva (2014) nos anais do X Colubhe, realizado em Curitiba.

no ano de 1910 e da decisão de abalançar-se, então, à uma análise dessa organização escolar.

Mello fundou em 1920 a revista *Pró-Família*, periódico quinzenal que começou a circular em Cuiabá em 14 de novembro do citado ano e findou sua existência em 1922. Apesar de não atuar mais diretamente na área da educação, Mello (ou L. da Veiga) publicou neste periódico um artigo com suas impressões acerca do assunto, refletindo sobre seu aspecto e indagando sobre seu objeto.

Posteriormente, ao noticiar seu falecimento, o próprio jornal *A Cruz* reconheceu em 1922 qualidades de que Mello “era detentor”, algo que pode ser justificado por seu convertimento à religião católica e pelo fato de escrever neste periódico, desde 1918 uma seção permanente, em que assinava com o pseudônimo “L. da Veiga”. Nesta seção, Mello publicou várias crônicas, sendo algumas intituladas como “croniquetas”, em que refletia sobre diversas questões debatidas no seio da sociedade mato-grossense.

Orador, fluente e jornalista aprimorado, não se limitava Leowigildo aos afazeres múltiplos de sua afanosa profissão, empregando as horas vagas na produção de belos trabalhos de imprensa que ilustravam vários órgãos de publicidade de nossa Capital.

As nossas colunas foram assídua e brilhantemente honradas pela sua colaboração, desde 1918 para cá, mantendo mesmo, durante muito tempo, o saudoso extinto uma seção permanente, sob o pseudônimo L. da Veiga, que só veio a interromper quando a enfermidade já lhe não permitia o prosseguimento de acurados trabalhos mentais (*A CRUZ*, 6/08/1922, n.583, p.1)

O jornal *O Debate*, ao contrário do *A Cruz*, possibilita que se tenha uma ideia diferente da atuação dos professores normalistas nos anos iniciais da década de 1910. Como o próprio periódico trazia impresso, este pertencia ao Partido Republicano conservador e seu ciclo de vida durou justamente o período em que esteve à frente no comando do Estado um Presidente que pertencia a tal partido. Por este motivo, publicava atos oficiais, como nomeações, exonerações, bem como, artigos que defendiam os princípios republicanos, como a liberdade, o civismo, o patriotismo etc. E, pelo mesmo motivo, atuou com um discurso favorável ao governo e recebeu crítica dos periódicos opositores, como *A Cruz* e *O Matto Grosso*.

Apesar do pouco período em que esteve em Cuiabá, o nome de Ernesto Sampaio aparece com certa frequência na imprensa, principalmente após assumir a direção das escolas Normal e Modelo Anexa, durante a ausência de Mello. A imprensa deu publicidade às suas poesias, sendo algumas delas recitadas em eventos realizados na cidade, como os promovidos pela Liga de Livres-Pensadores, associação da qual participaram também Mello e Kuhlmann.

Os espaços do jornal *O Debate* foram também utilizados pelos professores José Rizzo e Ernesto Sampaio para publicação de artigo e poesias, respectivamente. Além das notas e matérias referentes a atuação destes dois professores assim que chegaram à Cuiabá, foi de fundamental importância para conhecermos um pouco das suas vivências e práticas na sociedade mato-grossense.

Destacamos da produção do professor Rizzo a publicação do livro *Da ortografia do pronome-artigo “lo” em função objectiva*, que, ao ser ofertado ao jornal *Argos*, de Cáceres, recebeu publicamente os cumprimentos:

O Sr. José A. Rizzo, ilustrado professor e digno diretor do grupo escolar Costa Marques, teve a gentileza de ofertar a esta redação um exemplar de interessante opúsculo, de sua lavra, intitulado *Da orthographia do pronome-artigo 'LO' em função objetiva*. É um pequeno e excelente trabalho, que se põe em evidencia os conhecimentos filológicos do autor e cuja leitura recomendamos aos estudiosos. Gratos pela oferta (ARGOS, 15/09/1912, n.54, p.4).

Após ser exonerado do cargo de Diretor do Grupo Escolar de Cáceres em maio de 1920<sup>21</sup>, Rizzo retornou a São Paulo, onde exerceu o cargo de chefe da secção de Instrução da Penitenciária do Estado de São Paulo e Professor de português do Ginásio “Osvaldo Cruz”. Neste período, publicou também o livro *Da colocação dos pronomes pessoais*, pela Companhia Editora Nacional, em 1939.

Referente ao professor João Brienne de Camargo, depois que passou a residir em Cuiabá, além de se dedicar aos assuntos de educação, atuou ainda em outros espaços, como colaborador dos jornais *O Matto-grosso* e *A Cruz* e como advogado. Foi considerado por Campos Junior<sup>22</sup> como um “paulista mato-grossense”, residindo neste Estado até a década de quarenta, quando foi noticiada pela imprensa cuiabana matéria referente a seu falecimento:

Foi dado à sepultura, no Campo Santo da Piedade, na tarde de 14 p., o prof. João Brienne de Camargo, da Missão Paulista que o benemérito governo Pedro Celestino trouxe para reformar o ensino em Mato Grosso. Brienne, que foi um intelectual de valor, embora pouco conhecido, era *tribuner* e jornalista, e havendo se provisionado, exerceu a nobre profissão de advogado em nosso meio chegando a ocupar, interinamente, o cargo de Procurador da República. O seu falecimento, ocorrido às primeiras horas desse dia, consternou os seus inúmeros amigos e alunos, que lhe aproveitaram as lições, muitos dos quais hoje ocupando cargos de realce na sociedade. Foi diretor do Grupo Senador Azeredo, muitos anos e os seus serviços ao Ensino o consagraram um benemérito. [...] (A CRUZ, 19/06/1949, p.2).

As notícias localizadas na imprensa referentes ao professor Waldomiro de Oliveira Campos se revezaram entre elogios e críticas. Atuou como Professor interino de Pedagogia na Escola Normal, ministrando aulas de Português.

O tratamento dispensado a este professor pelo *Diário da Tarde* era sempre apositivo, tratando-o como “digno moço” e “inteligente”. Não localizamos nos jornais artigos de sua autoria, mas o relatório oficial produzido referente ao Grupo Escolar de Poconé, em 1916, é bem detalhado e coloca este professor num lugar de destaque, pois defende pela primeira vez a ideia de unir as escolas isoladas na composição de Escolas Reunidas ou semigrupos, uma vez que a expansão do modelo de escola graduada ficava inviabilizada por conta dos altos dispêndios gerados aos cofres públicos. No entanto, esta modalidade escolar só foi implementada em Mato Grosso a partir do regulamento da Instrução Pública de 1927. Campos retornou à São Paulo e passou a atuar na Escola Reunida de Abyabi.

A atuação do professor Rubens de Carvalho também foi além da área educacional. Foi advogado provisionado, publicou artigos nos jornais *Correio do*

<sup>21</sup> APMT – Caixa 1920 – A.

<sup>22</sup> Em carta aberta publicada no *A Cruz* em 5/07/1931, p.2.

*Estado*<sup>23</sup> e *A Cruz*, sendo colaborar desta; bem como, publicou as seguintes obras: *Algumas sugestões sobre o ensino da Aritmética*, editado pelas Escolas Profissionais Salesianas de Cuiabá em 1924; *Memória – Capítulo de Psicologia Experimental*, editado pela Tipografia Calhau, em Cuiabá no ano de 1925. Assumiu em 1934 a direção da Tipografia Oficial e, neste cargo, foi nomeado para responder pelo expediente da Secretaria Geral do Estado. Posteriormente, em 1937, assumiu o cargo de Delegado Especial da capital.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria dos professores paulistas, assim que chegaram a terras mato-grossenses, foram se inserindo na multiplicidade de espaços e lugares e atuando em várias frentes de trabalho. Por se engajarem na vida da cidade e/ou nos locais de produção e divulgação do conhecimento (como a escola) e nos espaços de produção dos debates (como a imprensa), podemos considerá-los como atores do político.

Observamos que, nas páginas dos jornais, os espaços eram utilizados para apresentarem críticas e/ou elogios aos professores, para questionarem suas formas de pensar, bem como, a maneira como se comportavam, uma vez que eram vistos como professores modelos.

Os professores paulistas aqui selecionados apresentaram diversificadas atividades, o que nos leva a concluir que eles os mesmos eram ativos e participantes no contexto social em que estavam inseridos. A atuação de cada um, com suas particularidades, foi muito importante para a educação mato-grossense daquele período, algo que foi reconhecido em várias passagens localizadas nos jornais impressos.

## REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, L. N. B. *Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso 1930-1970*. Cuiabá: EdUFMT, 2008

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CANAVARROS, Otávio; SILVA, Graciela Rodrigues da. A imprensa mato-grossense antes da era do rádio. In: *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v.3, n.1, p.21-30, jan./jun. 2002.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de. Gustavo Fernando Kuhlmann: um bandeirante na cruzada da instrução (1910-1930). *Revista Educação Pública*, Cuiabá, v.18, n.38, p.567-584, set./dez.2009.

<sup>23</sup> *Correio Do Estado*, Cuiabá, 18/03/1923, n.117.

MELLO, Leowigildo Martins de. *Relatório*. Apresentado ao Secretário de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Fazenda, pelo Diretor da Escola Normal e Modelo Anexa. Arquivo Público de Mato Grosso, 1911.

MATO GROSSO. *Mensagem* do Presidente de Estado à Assembléia Legislativa. APMT, Cuiabá, 190

\_\_\_\_\_. *Regulamento da Instrução Pública Primária*. Cuiabá: Typographia Official, 1910.

MATO GROSSO. *Regulamento da Instrução Pública Primária*. Cuiabá: Typographia Official, 1927a.

\_\_\_\_\_. *Regimento Interno dos Grupos Escolares*. Arquivo Público de Mato Grosso (APMT), Cuiabá, 1916.

\_\_\_\_\_. *Relatório*. Do movimento anual do Grupo Escolar de Poconé apresentado à Direção Geral da Instrução Pública. APMT. Cuiabá, 1916.

\_\_\_\_\_. *A Cruz*. 1911-1939. Acervo BN.

\_\_\_\_\_. *Correio Do Estado*. 1920-1925. Acervo BN.

\_\_\_\_\_. *O Matto Grosso*. 1911-1937. Acervo BN.

\_\_\_\_\_. *Argos*. 1912-1914. Acervo APMT.

\_\_\_\_\_. *A Reacção*. 1912-1913. Acervo APMT.

\_\_\_\_\_. *O Debate*. 1911-1914. Acervo APMT e BN.

\_\_\_\_\_. *A Imprensa*. 1911-1912. Acervo NDHIR/UFMT.

\_\_\_\_\_. *A Notícia*. 1913. Acervo APMT e NDHIR/UFMT.

\_\_\_\_\_. *Jornal de Poconé*, 1912-1914. Acervo APMT e NDHIR/UFMT.

\_\_\_\_\_. *A Nova Época*. Revista mensal literário-científica. v.2., APMT. Cuiabá, 1912.

POUBEL E SILVA, Elizabeth Figueiredo de Sá. Leowigildo Martins de Mello e a organização da Escola Normal de Cuiabá. *Revista Brasileira de História da Educação*, Online, v.4, n.1 [7], p.189-214, jan./jun. 2004.

REIS, R. M.; SÁ, N. P. *Palácios da instrução: institucionalização dos grupos escolares em Mato Grosso (1910-1927)*. Cuiabá: Central de Texto: EdUFMT, 2006.

SILVA, Vera Gaspar da. Vitrines da República: Os Grupos Escolares em Santa Catarina (1889-1930). In: VIDAL, Diana (org.) *Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2006, p. 7-20.

SIRINELLI, François. Os Intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma História Política*. 2 ed. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 231-269.

SCHUELER, A. F. *Forma e culturas escolares na cidade do Rio de Janeiro: representações, práticas e experiências de profissionalização docente em escolas públicas primárias*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2002.

VIDAL, Diana Gonçalves; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. Outra missão, para outras bandas: a circulação de professores paulistas e do modelo da escola graduada. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 19, n. 41, p.551-574, set./dez. 2010.

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 05/08/2015